

NOTAS DE ARTHUR RAMOS DE UM DEPOIMENTO DE UM EX-ESCRAVO

*Mario José Maestri Filho **

São muito raros os depoimentos conhecidos de cativos e ex-cativos sobre as condições escravistas de vida e trabalho no Brasil. Tentando recuperar o tempo perdido, estão atualmente em curso alguns projetos de registro de depoimentos de descendentes diretos de ex-escravos ou de coetâneos de ex-escravos.¹ O excelente trabalho de Matthias Rohring Assunção - **A Guerra dos Bem-te-vis**. A Balaiada na Memória Oral nos sugere a rica informação que ainda obteremos se perseverarmos neste caminho.²

Sem dúvida existem dezenas de escravos ou ex-escravos registrados nas últimas décadas e esquecidos em fundos de armários ou transcritos em publicações pouco conhecidas. A descoberta, crítica e publicação deste material permitirá suprir — ainda que muito imperfeitamente — as sequelas atuais da passada incompreensão de nossa historiografia sobre a importância do depoimento interessado dos ex-cativos.³

Durante o desenvolvimento da mesa-redonda “Fontes para o Estudo da Escravidão”, do Colóquio Centenário da Abolição, do Centro de Pesquisa e Estudos Históricos do Departamento de História do IFCS - UFRJ, a arquivista Ana Lúcia Louzada Werneck, da Seção de Manuscritos, do Arquivo Nacional, lembrou que a “coleção Arthur Ramos”, ali depositada e em organização, contava com uma rica documentação sobre a escravidão colonial e com as notas de pesquisa de campo do conhecido antropólogo. Ana Lúcia respondeu positivamente à nossa pergunta sobre a existência de depoimentos de ex-escravos entre aqueles papéis. Lamentavelmente, até onde alcançamos a ver, a coleção possui apenas as breves anotações, de punho de Arthur Ramos, de uma entrevista a um ex-escravo crioulo, nascido de pais africanos.⁴ A coleção conta, entretanto, com uma infinidade de registros de rezas, bênçãos, correntes, etc.

Apesar de Arthur Ramos ter fundido perguntas/respostas/explicações em suas notas, algumas vezes não é difícil isolar trechos do depoimento de Feliciano Joaquim transcritos, é crível, quase textualmente.

O nonagenário ex-escravo refere-se a algumas realidades atualmente em debate entre os historiadores da escravidão brasileira: divisão da família escrava; comida; alojamento, etc. Como em dois outros depoimentos de ex-escravos que publicamos⁵, o depoente refere-se com inaiatência e positivamente aos castigos e instrumentos de tortura escravistas.

Na transcrição do depoimento, modernizamos ortografia e colocamos entre colchetes nossas interpolações.

Feliciano Joaquim – 90 anos [nascido c. 1855]

O pai: José Congo⁶, um preto da Costa⁷ (nascido na Costa, no Congo).

A mãe: Joaquina, crioula, filha de um manjolo⁸.

Nasceu em Campos, Fazenda Santa Rosa, Freguesia do Morro do Côco.

Veio para o Rio com a mãe, vendidos para a Fazenda de Três Poços, Pinheiro, Estado do Rio. Depois da Abolição veio para o Rio.

O pai de Feliciano era o crioulo do fazendeiro José Pinto Ribeiro que quando vendeu a Fazenda vendeu os escravos, menos o pai de Feliciano que levou para Portugal e lá forrou ele. A fazenda Santa Rosa era de criação e café.

A Fazenda Três Poços era de café, fazia também açúcar, cachaça e tudo mais. Era de D. Cecília Monteiro de Barros.

Feliciano conheceu a escravatura dos Breves (Joaquim de Souza Breves).

Os Breves eram bons para a escravatura mas tinham todos os suplícios de tronco, limbanho, anginho⁹.

O capitão Mata Gente (Antônio Gonçalves de Moraes) era muito mau para a escravatura. Tratava o negócio com uma pessoa, ia andando e passava com geito para não cair no alçapão que ele mandava preparar mas a pessoa caía e lá ficava. Assim e de outros modos fazia com os boiadeiros, mascates, etc. Os ferros de suplícios, os mesmos, às vezes deixavam os negros até seus meses nos ferros.

A comida era feijão com arroz, angú e às vezes carne seca ou matava um porco e davam também para a escravatura.

Cassange¹⁰, Benguela¹¹, Moçambique¹², Manjolo, Cambinda¹³. quasi (sic) que é companheiro de Congo (eles diziam) nome de nações de outros escravos.

Para as Fazendas de Arapoca, Ariçá e do Barão de Guararema na Linha de centro, [?], de Barra do Piraf e Porto Novo do Cunha, S. José do Além Paraíba foram muitos escravos mas a maior parte correu para a

cidade se empregar nessas casas por aí. As fazendas ficaram abandonadas.
Feliciano fala ainda com um pouco de Z, à frente das palavras.

Lins [de difícil leitura], 4.7.43 Rio

Locutivos	[Palavra ilegível]
	Candongueira
	Canjengue
	cuica = é outro [riscado]

Trabalho = safam às 5 horas em fila – iam para a roça. Comida: feijão, carne seca, farinha.

– de manhã = café com angu

– 10 horas – feijão + carne seca + farinha

– 4 horas – “ “ “

de noite = angu

Voltavam faziam fila, contavam antes de entrar na senzala – iam para a tarimba

– [ilegível] O bebiam e dansavam o jongo –

Notas

- 1 Suely R.R. Queiroz, do Departamento de História da USP, coordena atualmente um projeto de pesquisa, naquela instituição, juntamente com a professora Maria de Lourdes Mônaco Janotti, de título “Memória da escravidão em famílias negras de São Paulo”. Ismênia de Lima Martins, do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, preocupa-se com o registro do depoimento de velhos brancos sobre antigos escravos e ex-escravos.
- 2 ASSUNÇÃO, Matthias Robring. *A Guerra dos Bem-te-vis. A Balaiada na Memória Oral*. São Luis, Sioge, 1988.
- 3 Pedimos assinalar a eventual existência de depoimentos editados ou não de cativos ou ex-cativos brasileiros: Mário Maestri. *Duque de Caxias, 1220 - 1p. 1010 - 90010 Porto Alegre - RS*.
- 4 Coleção Arthur Ramos. Seção Manuscritos. Biblioteca Nacional. (Em organização).
- 5 MAESTRI FILHO, M.J. *Depoimentos de Escravos Brasileiros*. São Paulo. Ícone, 1988. (Malungo - Memória, 1).
- 6 Das regiões do antigo reino do Kongo, ao sul do rio Zaire. Cf. MAESTRI, Mário. *História da África Negra Pré-Colonial*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- 7 Costa Ocidental Africana.
- 8 ‘Nação’ africana dos atuais territórios de Moçambique.
- 9 Instrumentos de castigo.
- 10 Do antigo reino de Kassange, nos atuais territórios angolanos.
- 11 Os lusitanos denominavam de benguelas os africanos provenientes das regiões vizinhas do porto de Benguela, no sul angolano. Tratavam-se possivelmente de cativos

de cultura ovibundu.

- 12 Chegaram ao Brasil, sob o nome de moçambique, africanos de diversas culturas – geralmente bantus – exportados a partir da capitania de Moçambique, na costa africana. Cf. MAESTRI, Mário. *Op cit.* pp.
- 13 Assim eram designados os africanos exportados das regiões do atual enclave de Cabinda. Eram geralmente povos kikongos.

* PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE POS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
90.620 PORTO ALEGRE - RS